

Religiosidade popular: Reisado em Balsas (MA), uma experiência do sagrado

Raimundo Rajobac*

Resumo: O trabalho tem como objetivo apresentar uma leitura do Reisado em Balsas (MA), a partir do que nos propõe o método da Fenomenologia da Religião. Procuraremos identificar no Reisado, em sua estrutura e forma de expressão, os elementos que justifiquem a dimensão religiosa do ser humano. Para uma melhor observação e descrição desse fenômeno, e de sua forma de expressão, servimo-nos de uma pesquisa de campo realizada em dezembro de 2005 a janeiro de 2006, o qual comporta os preparativos e realização da Festa dos Santos Reis, na região de Balsas (MA).

Palavras-chave: Religiosidade Popular. Reisado. Experiência Religiosa. Sagrado.

Abstract: The work aims to present a reading of the Epiphany in Balsas (MA), from which we propose the method of the Phenomenology of Religion. We aim to identify the Epiphany, in its structure and form of expression, the elements that justify the religious dimension of human beings. For better observation and description of this phenomenon, and its form of expression, availing ourselves of a field survey conducted in december 2005 and january 2006, which includes the preparation and holding of the Feast of the Holy Kings, in the region of Balsas (MA).

Key words: Popular Religiosity. Epiphany. Religious Experience. Sacred.



* RAIMUNDO RAJOBAC é Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF).



Fonte: arquivo do autor

1. O Reisado em Balsas (MA): estrutura geral

Como situar a região na qual acontece o Reisado? Conforme Oliveira, a região de Balsas, no sul do Estado do Maranhão, pode ser sociologicamente definida como uma região de *fronteira*; o espaço próprio de encontro entre sociedades e culturas desiguais, como as sociedades indígenas a ocidental-cristã ou luso-brasileira. Lugar de busca por oportunidades, e por isso, de conflitos, dominação e resistências. Desse modo especial, na *fronteira* enfrenta-se a questão da alteridade e da particular visibilidade do outro, aquele que se diferencia como não constitutivo de nós: a *fronteira* é também um modo de viver. (2003 p. 14). Considerando um processo vindo de longas datas, a ocupação da região Sul-Maranhense, se deu com as conhecidas frentes de

expansão. Processo que consistiu no deslocamento de populações que levavam consigo, práticas econômico-mercado-lógicas¹, as quais tinham a sua frente, todo um contexto ocupado pelas populações indígenas. Segundo Oliveira,

a ocupação do alto sertão sul maranhense acontece bem depois do povoamento litorâneo. Por volta de 1730 começam a chegar colonos que ocupam o território de Caxias até o Tocantins. A Freguesia de Pastos Bons, a partir de 1744, serve de apoio para a conquista territorial. As condições naturais – campos contínuos cobertos de pastagens,

¹ Conforme Oliveira, nesse contexto, a expansão do capital ainda não tem a característica propriamente capitalista; sua economia baseia-se numa rede de trocas, com pequena circulação de dinheiro. (2003, p. 14).

rios córregos e ribeirões numerosos e perenes, clima ameno e saudável – foram o chamariz para o avanço dos criadores de gado em direção aos vales dos rios Balsas, Neves e Macapá, resultando na instalação de inúmeras fazendas [...]. Nesta região habitavam numerosos povos indígenas que resistiram à conquista e ocupação, mas foram vencidos [...]. Nessas condições, forjou-se uma sociedade patriarcal na qual o chefe de família, proprietário de grandes extensões de terras mal policiadas e com criação extensiva de gado, exerce o domínio sobre seu território e sobre os trabalhadores a ele direta ou indiretamente ligados. (2003 p. 14).

A prática do Reisado² é comum, importante e respeitada pelo povo de Balsas. É costume que se inicie o Reisado dia 25 de dezembro, dia do nascimento de Jesus Cristo, simbolizando desta forma, a saída dos três Reis Magos ao encontro do Menino Jesus. O Reisado se estende até o dia 6 de janeiro, dia dedicado aos Santos Reis. Durante esse período, um grupo liderado pelo “pagador da promessa”³, sai cidade a dentro, “tirando sua esmola”⁴. Por toda a noite, as cantadeiras, cantadores e sanfoneiros, visitam as casas, cantando o hino a Santos Reis, e recebendo a esmola, que é oferecida de acordo com a disponibilidade de cada um. Esta é a

² Conforme, Cascudo: Denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis (06 de janeiro). Em Portugal dizia-se reisada e reiseiros. No Brasil, a denominação e especificação maior referem-se sempre aos ranchos, ternos, grupos que festejam o Natal e Reis. O reisado pode ser apenas cantoria como também possuir enredo ou série de pequeninos atos encadeados. (1984, p. 669).

³ Por pagador de promessa, deve-se entender a pessoa que, ao interceder a Santos Reis, acredita ter alcança uma graça.

⁴ Tirar esmola é o nome dado a todo o processo de visita realizado em cada casa.

rotina de todas as noites até que chegue o dia da festa.

A esmola recebida é destinada ao pagamento das despesas com os que prestam trabalho, tais como as cantadeiras, cantadores, sanfoneiros, o material usado em ornamentações, e também as despesas do dia da festa, no qual o pagador da promessa oferece em sua casa uma pequena confraternização. Trata-se do conhecido café com bolo, alimentos muito próximos da vida do povo, e geralmente feitos com produtos da terra. Ao grupo que canta, durante a noite nas portas das casas, denomina-se “Tiradores do Reis”. Qual a motivação para tal atividade? A motivação parte de uma pessoa, grupo ou família que faz a Santos Reis sua promessa. Aqui encontramos os critérios de duração da promessa, sua modalidade e como deve ser conduzida. O mais comum é que o sujeito interceda a Santos Reis em busca de curas, ou superação de determinada situação. O recebimento da graça concedida concorre para o pagamento da promessa feita aos Santos. Cada agraciado paga sua promessa de acordo com o que prometeu. Existem pessoas que prometem “tirar o Reis”⁵ por toda a vida, outras assumem o compromisso por si e também por toda a família, o que acarreta compromisso por parte das gerações posteriores.

É muito comum que se encontre pessoas que “tiram o reis” por compromisso, tanto aos Santos Reis, como com a mãe, avô, avó ou pai já falecidos. Esse compromisso gera continuidade, e faz com que determinadas famílias façam viver por muito tempo a tradição da Festa dos Santos Reis. Outros pagadores de promessa delimitam sua promessa de acordo com as possibilidades. Prometem cumprir a promessa por

⁵ Tirar o Reisado implica na realização de todo o evento que está sendo descrito.

tempo determinado: dois, três, quatro anos e assim por diante. Há ainda, os que por falta de recursos, peregrinam sozinhos durante o dia: realizam visitas e bênçãos nas casas das famílias. Após oferecer sua esmola, é comum que o dono da casa leve dentro de sua casa, e nos demais cômodos, o quadro com a imagem dos Santos Reis. Também este peregrino realiza a festa no dia seis de janeiro.

A festa⁶ (reza) acontece no dia seis de janeiro, na casa de quem está pagando a promessa. É possível que se encontre, por menor que seja a cidade, várias comemorações (rezas) no mesmo dia. Nesse dia a preparação é bem maior, a simbologia também se enriquece. É facilmente notada a realização de um ritual. Naquele momento, “tira-se o Reis”, em três casas antes da casa do pagador da promessa. Acontece uma verdadeira reunião de comunidades, vizinhos, pais, filhos: famílias inteiras se encontram nesse momento. Nesse dia, a casa por mais pobre que seja, mostra sua elegância. O pagador da promessa usa dos mais diversos símbolos. Ornamentada de forma singela a casa do pagador da promessa adquire um brilho diferente. No centro encontra-se o altar com o quadro dos Três Reis Magos, e junto a ele, uma variedade enorme de imagens e fotos dos mais diversos santos e santas. À frente do altar ficam as rezadeiras⁷ cantadeiras⁸ e sanfoneiros. Terminada a

⁶ Nessa região é comum que o termo “festa”, seja substituído por “reza”. Os dois indicam o encontro celebrativo realizado na casa do pagador da promessa.

⁷ São conhecidas por rezadeiras, as mulheres que tomam como ofício a realização das festas de Santos Reis. São como sacerdotisas populares, que auxiliam o povo com orações e realizações de festas (rezas).

⁸ As cantadeiras são as senhoras que têm decorados os hinos de cada santo e santa, e nos períodos das festas surgem do meio do povo

visita às três casas próximas da casa do pagador da promessa, chega-se frente ao altar e entoam-se novamente o hino dos Santos Reis. Segue-se com a oração do terço. Cada mistério é intercalado por benditos que as cantadeiras se encarregam de entoar. Cantam-se os mais variados benditos, e as orações são pronunciadas de forma tão rápida que chegam a dificultar a compreensão: no meio das orações algumas palavras ou frases podem ser pronunciadas em latim.

Durante a oração do terço o pagador da promessa pode colocar-se debaixo do altar e retirar-se ao término da oração do terço. O momento seguinte ao terço compõe-se de benditos e ladainhas, trata-se de um momento aberto, várias outras pessoas que se sentem motivadas podem entoar seu bendito ou oração. Partindo daqui chega-se ao momento de louvor e bênção, em que todos os presentes fazem reverência ao altar e deixam também sua esmola aos Santos Reis. Com o término deste momento, as várias mulheres e pessoas da família se encarregam de fazer a partilha do café com bolo, o qual compõe o conjunto da promessa feita aos Santos Reis. Todos participam da partilha do alimento e chega-se dessa forma ao final da festa.

2. Descrição do fenômeno

Antes do dia 25 iniciei os contatos com algumas pessoas que participavam da Festa dos Santos Reis. Meu primeiro contato foi com Evangelista Sanfoneiro, que me foi indicado como o músico oficial da festa. Com ele tive as primeiras informações sobre as pessoas que possivelmente pagariam a promessa naquele ano. Em seguida fui à casa da

pobre para ajudar nas festas dos santos e santas. É muito comum que as rezadeiras sejam as mesmas cantadeiras e vice-versa. Depende muito da função que cada uma está ocupando em determinada festa.

“dona Reisado”⁹ para o qual ele tocava. Com ela consegui a programação que marcava o início para o dia 25 de dezembro à noite e o término para o dia 06 de janeiro. Segundo a responsável todas as noites seria “tirado o reis”, menos as noites em que viesse a chuva, visto que este período é de fortes chuvas na região sul maranhense.

As chuvas fortes dos meses de dezembro e janeiro marcam intensamente a experiência dos “tiradores de reis”. Assim nos diz um cantador: “Antigamente no sertão, mesmo debaixo de chuva, atravessando riacho cheio e molhando os pés, todas as pessoas acompanhavam os Santos Reis”. Pode-se ainda, realizar uma diferenciação entre o Reisado que as classes mais pobres realizam, o qual consiste no modelo acima citado, e o Reisado realizado por famílias de classes altas, que consistem em festas particulares, envolvendo pessoas notáveis da cidade¹⁰.

⁹ A expressão “dono (a) do reisado” aproxima-se fortemente à expressão “o pagador (a) da promessa”, as duas expressões indicam a pessoa que fez a promessa a Santos Reis, e que organiza toda a festa para o cumprimento de sua promessa.

¹⁰ Conforme Kaiper, em Balsas, a festa dos devotos de Santos Reis teve início com a fundação da cidade onde o chefe dos festejos pagava sua promessa durante sete anos consecutivos em virtudes de graças recebidas, por cura de doenças, realizações de desejos, ou superação de dificuldades. Apresentava-se de duas formas: uma elitizada onde as moças da cidade vestiam-se a caráter, havendo ciganas, mulatas, borboletas, flores, anjos, odaliscas, reis magos e animais vivos. Apresentando-se nos festejos natalinos, nas “residências sociais” (casas de famílias) sob a luz de um petromax (lâmpião alemão), com bailados e cantos regidos orquestra de Mane João, composta de sanfona, reco-reco e bambu [...]. A outra maneira de festejar Santos Reis era contínua, sendo praticada pelos habitantes da zona rural e da periferia. Com cantoria e ladainhas recolhendo esmolas para uma celebração de

Estando a par da programação, cheguei bem antes do horário marcado, embora o horário para eles não fosse o mais importante. A dona da casa é conhecida pelo nome de Maria da Conceição, pessoa muito conhecida na cidade pelo fato de há muito tempo realizar a festa dos Santos Reis. O momento inicial é sempre em sua casa, e de lá o grupo reunido sai para determinada parte da cidade. É sobre a casa da “dona do Reisado” que me deterei a descrever por um momento. A casa localiza-se no centro da cidade bem próxima à catedral. É a conhecida “casa no aberto”, uma cobertura de palha já estragada pelo tempo, sustentada por forquilhas não muito altas, que apoiavam uma armação feita com caibros de madeira roliça não trabalhada nas madeireiras, usadas na forma como são extraídas das matas. O espaço central da casa era bastante amplo, sendo que o lado esquerdo da sala servia como depósito para sacos de carvão. Na forquilha central que sustentava o cume da casa, encontrava-se amarrado um cachorro de cor escura, que se confundia com a noite e a falta de energia.

Do lado direito do barraco estavam armadas duas redes, numa se encontrava o marido doente, e na outra um cantador que esperava o início do Reisado. Era um senhor já de idade que “tirava reis¹¹”, um dos que ia compor o grupo pra “tirar a esmola¹²”. Quando perguntei quem ele era apresentou-se

partilha com o famoso café com bolo branco. (1999 p. 39)

¹¹ Cantador de hinos aos Santos Reis. São conhecidos como “tiradores de reis”, termo também usado para indicar as rezadeiras e cantadeiras.

¹² Termo usado pra identificar o ritual realizado nas casas das famílias durante a noite. A esmola refere-se à quantia em dinheiro ou alimento que a família oferece aos Santos Reis.

destemidamente, não me disse o nome, mas orgulhava-se em dizer que era cantador e tirador de reis e divino; e que também tocava pífono, um instrumento típico do nordeste, em muitos momentos usado na festa de Santos Reis. Acrescentou ainda que há mais de 20 anos cantava nas festas dos Santos Reis e do Divino. A sala, em que nos encontrávamos, era grande e dava para observar todos os movimentos da rua ao lado. O piso até certa parte era de chão batido, e chegando para a parte norte da casa, iniciava-se uma parte de cimento já corroído pelo tempo. Neste ponto erguiam-se paredes não muito altas: não chegavam a tocar a cobertura de palha.

No alto da casa uma pálida lâmpada servia pra iluminar todos os cômodos da casa, os que se somavam quatro. Outro cômodo lateral com pequenas dimensões servia como cozinha. Na frente da sala aberta encontravam-se os restos de um caminhão-caçamba velho, o qual ajudava a manter a privacidade da casa. Do lado de fora um poste da iluminação pública e um orelhão que conferiam um toque urbano e moderno a uma cultura tipicamente sertaneja. Encontrava-se ali uma família com organização típica do sertão, vivendo no meio de uma cidade que cresce e desenvolve fortemente uma cultura urbana. Dona Maria da Conceição e sua família somam-se ao grupo dos que viveram o êxodo rural. A tradição do Reisado iniciou com seu pai e só posteriormente ela se responsabilizou em manter viva a tradição em sua família.

O Reisado “tirado” por dona Maria da Conceição e por muitas outras famílias das cidades do sul do Maranhão, não deve ser confundido com o mesmo Reisado que geralmente se tem em mente por conta da mídia e divulgações folclóricas. Existem outros Estados

nordestinos, onde o Reisado é bastante expressivo, tanto no que diz respeito à religiosidade popular, como também às manifestações folclóricas. A prática de Reisado que delimitei como objeto de investigação para este trabalho, não se expressa tão fortemente a nível folclórico, muito embora, uma investigação nessa perspectiva não deixe de encontrar elementos de natureza folclórica como o caso do “Boi de Reisado”, muito conhecido no sul do Maranhão.

A prática de Reisado a qual me detive, nasce de uma experiência individual em relação ao sagrado, a qual se expande e passa a envolver toda a comunidade. Mas como isso acontece? Surge do apelo ao divino, um pedido feito por uma pessoa, ou comunidade. Tendo alcançado a graça, concedida pelos Santos Reis, o intercessor, por coerência e fidelidade, deve pagar sua promessa. Casos como esses, podem acontecer envolvendo vários santos, o critério é a devoção e experiência religiosa de cada pessoa. No caso da promessa feita aos Santos Reis, uma das maneiras tradicionais de pagá-la, é “tirando a esmola” e realizando a festa no dia 06 de janeiro, dia que no calendário católico é dedicado aos Santos Reis.

Dona Maria da Conceição acompanhou por muito tempo o Reisado que antes era “tirado” por seu pai. A morte do pai, fez com que ela desse continuidade ao Reisado. Por que você resolveu retomar a prática do Reisado? “é promessa”: essa é sua resposta. Dona Maria da Conceição adoeceu de “lastrina”, o que lhe causou grande sofrimento; sua mãe ao ver a situação da filha apegou-se aos Santos Reis, e prometeu realizar a festa dos por toda a vida. Para ela não é fácil manter a promessa, assim nos diz: “não é fácil manter, só se vai mesmo porque é promessa, mas é com muita

dificuldade, mas o que importa é pagar a promessa, e que o “Reis” seja bem cantado”. Essa prática foi com o tempo criando uma estrutura própria e aos poucos exigindo despesas por parte do “pagador da promessa”. Diz a dona do Reisado: “Já pensei em não fazer uma que outra vez, mas não tenho coragem [...] a gente se sente mal [...] é uma obrigação, foi promessa, tenho que pagar”.

O caso de dona Ubaldina não é de todo diferente. Trata-se de uma senhora proveniente do sertão, que agora se acomoda na periferia da cidade de Balsas. Apegou-se aos Santos Reis e foi atendida. Segundo ela, toda a comunidade onde ela morava, estava prestes a perder a lavoura por falta de chuva. Foi o apego a Santos Reis que trouxe melhoras e boas chuvas para todo aquele povo. Por esse motivo, “tirou a esmola” por muito tempo, parou, e depois retornou à sua prática. O motivo que a fez retornar, foi a necessidade de um novo pedido a Santos Reis, agora, por motivo de saúde: “posso dizer que estou melhor do que estava [...] estive muito ruim de umas rachaduras nos pés, mas graças a Santos Reis, melhorei”. Em sua promessa, dona Ubaldina prometeu “tirar a esmola” durante três dias a cada ano.

A casa de dona Ubaldina demonstrava zelo e devoção a vários santos. Podiam-se observar nas paredes da sala central as mais variadas imagens de santos. Preenchiam as paredes de modo a indicar no canto esquerdo da sala, uma pequena mesa que servia de altar, sobre este se acrescentavam flores e velas. Os vários tipos de santos misturavam-se entre imagens, quadros, cartazes, calendários e fotos das mais diferentes épocas. Estava montado ali um espaço sagrado e também os traços de sua

experiência religiosa. Dona Ubaldina procedia de modo diferente ao “tirar sua esmola”. Visto que não tinha como arcar com as despesas que a estrutura da festa exigia, ela “tirava sua esmola” sozinha. Realizava uma peregrinação pelas casas da cidade durante o dia. Como símbolo, leva junto o quadro com a imagem dos Santos Reis. Passando de casa em casa, oferecia a visita dos Santos Reis. O morador que aceitava a visita recebia o quadro, levava-o dentro de sua casa, abençoava os cômodos da casa e, no fim ritual, oferecia a esmola a quem estava pagando a promessa.

3. Aspectos simbólicos

Enquanto aos aspectos simbólicos, poderíamos dizer que o Reisado carrega em si uma forte simbologia. O canto entoado durante as visitas às casas e no dia da festa é fortemente simbólico, sendo que pode mudar a estrutura harmônica, a entonação, e também os versos de acordo com cada região. As vozes das cantadeiras, sobrepondo-se em intervalos harmônicos de terças, acompanhadas pela sanfona, pífono ou rabeca, adquirem também certa peculiaridade. Quando ouvidos, alertam as famílias para a chegada dos Santos Reis.

O canto se organiza em forma de responsório, um grupo entoa o primeiro verso, e os demais respondem com outro verso. Assim diz uma “cantadeira”: “a cantiga é como se fosse um repente, um louvor; cada um louva de um jeito, um diz um verso e outro já responde de outro jeito, e assim vamos seguindo”. O canto também pode mudar a composição dos versos e a entonação melódica, de acordo com a região ou grupo, e embora haja liberdade na forma de cantar, com o tempo e as repetições, a letra do hino vai se cristalizando e tomando um formato comum.

O que acontece quando se chega à porta da casa onde vai ser "tirada a esmola"? A visita nas primeiras casas acontece ainda cedo da noite, e a maioria das vezes os proprietários encontram-se acordados. Nesse momento realiza-se um ritual onde se supõe que a família esteja dormindo. Por esse motivo os proprietários entram em suas casas, apagam as luzes e esperam o ritual. O hino segue-se de passos que o proprietário no interior da casa, trata de acompanhar respeitosamente. Acontece um diálogo entre os cantadores e as famílias. Durante toda a noite repete-se esse ritual.

Ao parar na porta da casa, a primeira atitude é a do sanfoneiro. Ele dá o acorde inicial e introduz o canto. A próxima iniciativa é de um dos cantores que inicia o canto. Acontece entre eles, uma alternância, o que faz o papel de "puxador"¹³, em uma casa, deixa esse lugar a outro do grupo na casa seguinte. Quando se dá por encerrado o momento em determinada casa, é comum, que o proprietário da mesma, em respeito a Santos Reis, acompanhe o grupo ao menos três casas a frente. Os que permanecem a noite inteira são um pequeno grupo, formado pelo "pagador da promessa", tocadores, "tiradores de reis" e mais alguém que tenha se comprometido com a organização. Assim, se observa aumentos e diminuições no grupo que acompanha o Reisado durante a noite.

4. Dia 6 de janeiro, o dia da festa de Santos Reis

¹³ Por puxador, deve-se entender o papel do "solista", o que é responsável por manter o canto, enquanto os outros respondem em um segundo verso.

O dia da festa dos Santos Reis pode ser descrito como um encontro de comunidades. Nesse dia iniciam cedo os trabalhos em preparação da festa que acontece no início da noite. Toda a família do "pagador da promessa", e muitos outros voluntários e devotos de Santos Reis envolvem-se na preparação. Várias outras famílias também se dispõem em ajudar na organização. Ainda durante o dia acontece a preparação dos alimentos que serão servidos no final da festa. Realiza-se também a ornamentação do ambiente. Nesse dia a simbologia é mais expressiva: as cidades iluminam-se com fogos que cada "pagador da promessa" se preocupa em queimar, avisando o início da celebração. As frentes das casas onde se realizam as celebrações reúnem um grande número de pessoas, em diversos pontos da cidade. Para manter maior proximidade e realizar uma melhor observação, escolhi três festas para realizar minha visita. Foram elas: a que aconteceu na casa de Dona Ubaldina, localizada no bairro Cajueiro; na casa de Dona Maria da Conceição, localizada no centro da cidade; e na casa da Dona Nazaré, localizada no bairro Nazaré.

A quem primeiro visitei foi a festa realizada na casa de Dona Ubaldina. Cheguei ao local ainda cedo, um pouco antes das 19h00. Notava-se já a distância, o grupo de pessoas que se aglomeravam à frente da casa de Dona Ubaldina. O altar central localizava-se à frente da casa e junto a ele um variado universo simbólico. Era possível se notar os mais diferentes santos e santas, em imagens e fotos. Um pequeno pedaço de lona florido foi anexado à parede pondo em destaque o espaço sagrado. Flores e velas perfumavam, embelezavam e iluminavam o modesto altar. Um bico de luz improvisado sobre o altar ajudava a destacar o local da

feira. Iniciou-se logo a oração do terço. Próximos ao altar se posicionavam a “dona da promessa”, sua irmã, e uma jovem que se encarregava de conduzir o momento de oração. O restante dos participantes colocavam-se nos arredores, todos eles voltados para o altar e aos dirigentes. Organizados dessa forma, seguiram com a oração do terço e com o entoar dos benditos nos intervalos de cada mistério. O olhar compenetrado, e as reverências dos participantes, o ato de tirar o chapéu de alguns senhores, e o pedido de silêncio das senhoras a algumas crianças, mostravam o respeito e a seriedade com que vivenciavam o momento.

A festa seguinte acontecia no centro da cidade. O local da festa era a casa de Dona Maria da Conceição. A casa antes descrita em sua condição austera, conta agora com pequenas mudanças. Algumas paredes pintadas, sacos de carvão mudados de lugar, piso reparado, tudo isso realizado dentro das condições dos proprietários, e na expectativa para receber os devotos dos Santos Reis. Na casa de dona Maria da Conceição, o número de participantes era bem mais expressivo do que na festa anteriormente descrita. Um grupo heterogêneo, formado por crianças, jovens e adultos, fazia-se presente. A festa iniciou como manda o ritual. Três casas vizinhas foram visitadas pelos cantadores até que se chegasse ao local da festa. Um pequeno grupo acompanhou os “tiradores de reis”, enquanto a grande maioria permaneceu no local da festa. O altar com o quadro dos Três Reis Magos ocupava lugar central.

Várias cadeiras foram espalhadas pela sala para acomodar os participantes. Luzes fortes iluminavam o altar, e muitos ouros santos, em estátuas, cartazes e fotos, dividiam aquele espaço

com os Três Reis Magos. Flores e palmas completavam a ornamentação. As muitas velas também se destacavam. Barbantes com bandeirolas davam o brilho ao teto coberto com palha. Várias outras pessoas colocavam-se nos arredores, pois nem todos conseguiam se aproximar do altar. O sanfoneiro junto com as rezadeiras localizavam-se em frente ao altar. Eram eles os responsáveis pela condução da oração do terço e dos vários outros momentos que se sucedem no culto. Neste caso específico, dona Maria da Conceição, a dona da casa, e pagadora da promessa, colocou-se sob o altar durante toda a oração do terço. Seguindo-se a este momento foram entoados vários benditos, e rezadas várias ladainhas, introduzindo assim, o momento de reverência e ofertório. Muitos dos que estavam presentes deslocavam-se até a frente do altar prestavam sua reverência e faziam sua oferta em dinheiro. Jovens, adultos e pais que orientavam seus filhos a fazerem o mesmo. Todos mostravam um zeloso respeito pelos Santos Reis. Este momento marca o término do culto. O momento seguinte foi o da partilha. O conhecido café com bolo. Várias pessoas da família e participantes dispunham-se a servir o alimento. As bandejas cheias de bolo, e as várias garrafas com café, rodavam a sala num clima alegre e descontraído.

Por fim, chegamos à terceira festa. Esta, realizada no bairro de Nazaré na casa de dona Nazaré. Aqui o número de pessoas, principalmente de crianças era bem mais expressivo que nas outras duas festas. O altar estava localizado na calçada, os dirigentes e a “dona da promessa”, encontravam-se na parte de baixo juntamente com os outros participantes. Sobre o altar os mais variados símbolos e imagens religiosas, muitas flores e velas. Além das velas colocadas sobre o altar, muitas outras

eram colocadas por alguns devotos nos arredores do local do culto. As mulheres que estavam próximas ao altar encarregavam-se em dirigir a oração do terço e também de entoar ladainhas e benditos. Foi aberto um momento para quem quisesse oferecer seu louvor, com algum bendito ou ladainha. O momento seguinte foi reservado para reverências e ofertório. Grande parte dos participantes dirigiu-se em fila até o altar e faziam suas orações, ofertavam sua esmola, e retornavam a seus lugares. Esse momento apontava para o encerramento da celebração, que viria a culminar com a partilha do café com bolo.

5. Reisado em Balsas: experiência vivida e manifestação da dimensão religiosa do homem

Ao tomar a religião como objeto de estudo, Rudolf Otto introduziu uma novidade metodológica. Tal novidade consistiu na apropriação das experiências religiosas a partir do método fenomenológico. O que pretendeu Otto foi descrever o fenômeno religioso acuradamente tal como ele aparece na consciência. Para o teórico, somente por esse caminho poderíamos interpretar e identificar em cada experiência religiosa particular elementos comuns a outras experiências, o que nos levaria à identificação de elementos comuns às diversas religiões; os quais segundo Otto compõe a essência da religião, a qual se apoia numa relação constante entre o ser humano e a realidade transcendente.

Nessa perspectiva o Reisado é possuidor de uma estrutura própria, revela autonomia, possui um rito, carrega consigo uma teologia; compõe um imaginário comum, serve-se de elementos simbólicos, e acima de tudo, proporciona uma experiência religiosa.

Como experiência e manifestação religiosa, localizada dentro de um determinado contexto e cultura, expressa elementos antropológicos comuns às várias religiões, que por sua vez, possibilitam a observação do que há de mais marcante na vida da humanidade: a dimensão religiosa.

Assim, como nos dia Benincá, ontologicamente, a dimensão religiosa compõe a estrutura do ser humano. Pressupor, por isso, a dimensão religiosa, significa acreditar que o ser humano é radicalmente religioso, no sentido de raiz e fundamento. A dimensão religiosa seria, então, um fundamento da estrutura do ser humano e, ao mesmo tempo, uma busca, uma tentativa de compreensão dos fenômenos religiosos. No entanto, a existência de fenômenos religiosos nos induz a investigar a estrutura do ser humano a fim de compreender o que seja o “religioso”, ou seja, a dimensão religiosa. (2003, p.307). Rudolf Otto procura, mesmo que por meio analógico e descritivo, princípios próprios da investigação fenomenológica, captar o que se encontra na categoria numinosa. Dessa forma, propõe um desvelamento, e, por conseguinte, a chegada ao objeto numinoso, provocador da experiência religiosa. Assim, e na categoria numinosa que se encontra a noção fundamental da dimensão religiosa do ser humano. É na relação entre o numinoso e a criatura, que se encontra a vivência primeira e o sentimento religioso, expressando o que é próprio de sua essência.

O numinoso, o sagrado, o transcendente, são o essencialmente outro em constante relação com o sujeito. A prática do Reisado em Balsas (MA), tomada do ponto de vista da investigação fenomenológica, possibilita-nos, portanto, a observação

empírica de uma experiência religiosa, e, por conseguinte, a observação do “ser religioso”. O que Otto denominou de sentimento religioso. Nesse sentido, o Reisado em Balsas (MA) encontra-se carregado de elementos herdados da tradição portuguesa e da teologia católica tradicional. Não deixa também, de ter grande expressividade folclórica e cultural, como é o caso do “Boi de Reisado¹⁴”. Contudo, mas que isso, o Reisado em Balsas (MA), é uma experiência religiosa possuidora de uma forte carga simbólica. Trata-se de um fenômeno que nos possibilita observar uma experiência do divino¹⁵, uma relação com o transcendente, dimensão que se encontra no centro de toda religião. É como experiência vivida, que o Reisado em Balsas (MA) nos possibilita avaliar a predisposição do homem para o religioso. Predisposição que surge em Otto, e para a Fenomenologia da Religião, como fonte e princípios *a priori* da condição humana. Dessa forma, o Reisado em Balsas (MA), conduz a uma experiência fundamental existente exclusivamente no domínio do religioso, que da relação entre e o homem o transcendente faz

¹⁴ O Boi de Reisado, originário dos municípios de Boqueirão do Piauí e Boa Hora, são constituídos pelo boi – remanescente do Bumba-Meu-Boi –, pelos caretas, cantadores e tocadores – remanescentes do Reisado –, todos personagens tradicionais. É uma mistura baseada numa melodia quase única, com versos improvisados e a “lodaça” dos caretas. A “lodaça” é um linguajar próprio dessa manifestação folclórica, no qual os caretas criam palavras novas.

¹⁵ (Cf. ESPIN, 2000, p. 154) Por “experiência do divino”, entendo o encontro entre um ser (ou grupo) humano e alguém que é fortemente sentido, indubitavelmente experimentado como próximo e bom, e que (embora de maneira sucinta) dá sentido e satisfação à vida desse ser (ou grupo) humano. Esse tipo de experiência está, ao que parece disponível para muitas pessoas e não para algumas especialmente sensíveis.

surgir o que Otto identificou como *Mysterium Tremendum et Fascinans*.

Referências

- BENINCÁ, E. A dimensão religiosa como base para o pleno desenvolvimento da pessoa humana. In. OLIVEIRA, A.R.; OLIVEIRA, N. A. (Orgs). *Fides et Ratio: Festschrift em homenagem a Cláudio Neutzling*. Pelotas; EDUCAT, 2003.
- BERGUER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BIRCK, B. O. *O Sagrado em Rudolf Otto*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- CASCUDO, L. C. *Dicionário de Folclore Brasileiro*. 5 ed. Belo Horizonte; Itatiaia, 1984.
- COUTINHO, S. R. et al. *Avaliação Pastoral da Diocese de Balsas*. Brasília: Universa, 2003.
- ESPIN, O. O. *A fé do Povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*. Trad. Barbosa T. Lambert. São Paulo: Paulinas, 2000.
- FILORAMO, G; PRANDI, C. *As ciências das religiões*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999.
- KAIPER, M. F. C. et al. *Cultura Popular de Balsas*. Imperatriz: UEMA/CESI, 1999.
- OLIVEIRA, P. A. R. (Org). *Estrutura Pastoral da diocese de Balsas*. Brasília: Universa, 2003.
- OTTO, R. *O Sagrado*. Trad. João Gama. Lisboa: Manoel Barbosa & Filhos, Lda. Ed. 70, 1992.
- PADOVANI, U. *Filosofia da Religião: o problema religioso no pensamento ocidental*. Trad. Diniz Mikosz. São Paulo: Melhoramentos, 1968.